

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

Em entrevista com os Irmãos Lima / Filhos do Sr. Timóteo

Emilia | Rosa | Delmira | Bernardino | Aventino | Maria das Dores |
Salvador | Lurdes

- 31 DE MAIO - Dia dos Irmãos



SE QUERES VER UMA CRIANÇA FELIZ,
DÁ-LHE UM IRMÃO.
SE QUERES VER UMA CRIANÇA MUITO FELIZ,
DÁ-LHE MUITOS IRMÃOS.

Grafismo: APFN – Associação Portuguesa de Famílias Numerosas

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

A família Lima é composta por 8 irmãos, mas contam-se 9, porque nasceram 9 mas, decidiu o destino que um dos irmãos partiria ainda criança, “era o nosso menino, o Silvino” que sempre fará parte da família. Do mais novo ao mais velho há uma diferença de 18 anos impercetível, não pelo tempo, mas pela forma como se relacionam. Em Canedo de Basto, freguesia de onde são oriundos, são conhecidos e reconhecidos como filhos do Sr. Timóteo, um Homem que deixou saudades na aldeia pelo seu jeito particular de ser, sempre disponível, sempre atencioso, sempre amável... Aos filhos, o Sr. Timóteo e a esposa, deixaram um imenso legado sobretudo, pela forma como os educaram, centrados nos valores da fraternidade, da entreatuda, da proteção, valorizando sempre o trabalho que cada um fazia, estivesse ou não perfeito. E foram estes pormenores que fizeram toda a diferença na vida destes oito irmãos e que eles recordam com saudade e, ao mesmo tempo, com um sorriso no rosto. Porque há memórias e histórias únicas que os unem e que os tornaram inseparáveis ao longo do tempo... Hoje, vivem espalhados por Portugal e pelo mundo mas reúnem-se muitas vezes ao ano e participam ativamente na vida uns dos outros... São laços indestrutíveis que o tempo fortalece!



A entrevista foi direcionada a todos, por isso, em alguns instantes as histórias eram tantas e tão ricas, que se sobrepunham na emoção, na recordação, na alegria, e na vontade de contar primeiro, cada pormenor...

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

1. Como definem a vossa família?

Esta família é sinónimo de boa disposição, união e educação. Somos muito alegres e disponíveis, somos “um por todos e todos por um”. (Lurdes) Eu acho que foi o Pai que transmitiu esta alegria tremenda a esta família, porque o meu pai sempre tocou guitarra e cantava muito bem e passou essa alegria para todos nós. Hoje, notamos pela nossa intervenção no associativismo, nomeadamente no Rancho Folclórico, todos gostamos desta alegria, e sempre que possível, participamos todos nas atividades promovidas...

2. Vivem distantes uns dos outros por força da vida e das circunstâncias mas reúnem-se várias vezes ao ano?

Juntamo-nos em várias alturas do ano. Participamos nas Janeiras e recordo em particular a casa do Enf^o. César onde estávamos os 8 irmãos todos a cantar, e cantamos muito bem, diga-se! Mas não interessa cantar bem, interessa cantar sempre e sobretudo, encantar! No Natal estamos sempre todos juntos, antes na casa dos pais aqui ao lado enquanto a mãe estava presente, ou aqui, por causa do espaço. Agora, que a mãe partiu, passamos a noite de Natal na casa do Dino e o dia de Natal aqui na Lurdes. Juntamo-nos também na festa de Canedo em agosto. Eu sou emigrante na Suíça e estou lá e cá, gosto muito da minha terra, da minha vinha, de estar em família (Salvador). E eu moro na Póvoa (Delmira) mas a casa não é minha, é minha e dos meus irmãos, todos nós temos um espírito familiar, a minha casa está sempre com as portas abertas para eles. Aliás, nós chegamos a casa dela entramos e eles nem dão conta. (Delmira) Recordo um dia, de muito frio, quando cheguei a casa e tinha uma fogueira enorme feita pela minha irmã Lurdes, que sorte, pude aquecer-me logo! Só para perceberem o quanto nos damos bem e sentimos que as casas de cada um são de todos. Como vivemos mais próximas eu (Delmira) e a Rosa juntamo-nos mais vezes, aliás estamos quase sempre juntas e até temos penteados parecidos (risos). (Lurdes) Ela chegou a casa com um penteado um pouco desgrenhado e eu vi logo que a minha madrinha (Rosa) não iria gostar do penteado... e não é que ontem de manhã já andava com a tesoura a “espatifar” aquele cabelo todo (Lurdes)...

3. E quando eram crianças também tinham este espírito de união? Protegiam-se uns aos outros?

Sempre! Há momentos muito caricatos da nossa convivência quando eramos crianças. Recordo (Delmira) quando fizemos a comunhão solene, fizemos as três, a minha mãe

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

arranjou uma roupa para mim, para a Rosa e já agora para a Delmira, fizemos todas a comunhão. E eu fiz duas vezes a comunhão solene, para ficarmos os 4 na fotografia.

4. Os vossos pais reaproveitam os livros e as roupas?

Sim, vestíamos a roupa uns dos outros, até o Salvador vestia a roupa das irmãs (Lurdes). Tenho uma fotografia de mim e dele (Salvador), ambos vestidinhos maravilhosamente como duas meninas, com vestidinhos (mostrou a fotografia). Tenho fotografias maravilhosas da nossa infância, e era a mais velha que tratava deles, arranjava-os muito bem para o tempo que era sobretudo, se houvesse um casamento, aí eu preparava-os bem (Emilia)! De todos, o Aventino era o mais vaidoso, sempre com a camisa impecavelmente limpa e bem arranjado já o Bernardino era um desastre (risos). (Dino) Ainda agora é preciso que a minha esposa me coloque a roupa direita na cadeira para eu vestir, não sei como correria se fosse eu a escolhê-la. Mistura muito as cores (Lurdes), nunca teve muito jeito para a roupa...Na verdade, tínhamos que reaproveitar porque antigamente havia poucas roupas era tudo mandado fazer. Recordo-me que quando começava o inverno a minha mãe ia ao Arco e trazia um tecido branco para fazer uma blusa de flanela para cada uma e uma saia e era a roupa que trazíamos.

5. São todos muito parecidos no jeito de ser?

Somos todos muito parecidos no jeito de ser mas o Dino tinha jeito para tudo, vive tudo com muita intensidade. Faz tudo muito depressa e bem feito (Delmira). (Dino) Mesmo com a idade que tenho gosto muito da vida, não paro, raramente, aliás, se não for capaz de fazer seja o que for, dificilmente alguém será, estudo sempre mil e uma formas de o fazer sozinho! Tenho cerca de 40 caixas de abelhas e sou eu que trato diariamente de tudo. Eu com 10,11 anos saía às 6h00 com o meu pai para ir cortar mato e em contrapartida o meu pai prometia levar-me à Lameira. Quer-se dizer, chegávamos aqui abaixo do trabalho e eu queria que o meu pai apartasse o mato que eu cortava do dele para eu saber o mato que eu cortava. Em casa a minha mãe tinha sempre uma coisinha melhor para eu comer, e os outros reclamavam, mas ela dizia, - pois mas o vosso irmão trabalha e vós estais aí a descansar. Quer dizer eu fui sempre muito ativo. Em casa eu e o meu pai deitávamos a azeitona toda. Fomos ao arco e compramos sacos de serapilheira e fizemos toldes que davam para deitar duas oliveiras ao mesmo tempo. Enquanto ajudávamos os outros, a nossa azeitona era apanhada “tarde e mal” quando começamos a ser nós os dois deitávamo-la toda e ainda íamos ajudar a deitar a dos outros. Nas vindimas, eu fazia a vindima toda, sempre gostei muito de trabalhar mas obrigava-as a trabalhar a elas.

6. Todas as crianças fazem asneiras. Eram repreendidos sempre que se portavam “mal”?

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

Não. Chamavam atenção mas não castigavam, o Dino é que castigava os outros, porque eles tinham que fazer o que ele mandava (risos). As mais velhas já não estavam em casa e era eu que mandava (Dino). (Emilia) Imagine que quando o meu ía fazer alguma coisa na agricultura ele tinha sempre que fazer as coisas mais difíceis. Quando andava a podar com o meu pai tinha sempre a cana maior, e sabia que ía acabar primeiro. Quando andava a botar azeitona, nós estendíamos os toldes, e ele apanhava um quarto de azeitona e obrigava-nos a todos a apanhar a azeitona mas a uma velocidade que nem imagina. (Lurdes) Ele andou na tropa e depois na GNR e quando chegava a casa dava-nos uma tarefa, ir ao olival e apanhar uma rasa de azeitona cada um, mas nós eramos muito marotos e só queríamos brincar, apanhávamos do monte de azeitona que já estava seco e íamos ao olival e apanhávamos uma lata de azeitona molhadinha e colocávamo-la por cima para ele ver que tínhamos feito o que ele mandava.

Mas ele tanto exigia como era protetor, e sobretudo, muitos perspicaz. Um dia os nossos pais foram para Fátima, e ele era caçador, ainda é. Então, nesse dia, nós ficamos os três em casa e ele foi à caça e documentos nada. Então, aparece a GNR, vejo-o a correr como uma seta, atira com a arma para dentro do mato, vai para a eira tira a mota (tudo a uma velocidade estonteante), e nós ficamos preocupados, e chega a GNR. Então ele pega, a altura da casa era fora do normal, e vem, e atira-se abaixo da eira e vira-se para a GNR,

-“você tenham calma, as minhas irmãs não estão habituadas a vê-los, ficam já cheias de medo e diziam eles, - nós andamos à procura de uns caçadores e diz ele – ai isso nós não vimos ninguém – mas eles andavam com uns rapazinhos – Não vimos ninguém, vocês por favor não me assustem as minhas irmãs. Foi uma passagem incrível, e os guardas a passarem por cima da arma sem imaginarem que a tinham mesmo ali ao lado. Foi uma cena de filme, a velocidade com que ele arquitetou cada movimento, tira a mota, faz de conta que a está a arranjar, atira-se abaixo da eira... Meu Deus!

7. Os vossos pais marcavam tarefas para fazer?

Sim, o meu pai indicava o que tínhamos que fazer, tinha eu 12, 13 anos (Dino) e queria brincar com os meus amigos mas eu tinha trabalho que fazer, apanhar uma rasa de azeitona, então os meus amigos iam ajudar-me apanhar a azeitona e depois saímos todos juntos. Uma altura, do chão, apanhamos 100 cestos de azeitona, imagine, colhíamos uma pipa de azeite, era a lavoira que mais azeite dava na freguesia. Mas tínhamos outras tarefas agrícolas. Todos ajudávamos, eramos e somos “um por todos e todos por um”.

8. Eram tarefas que tinham que fazer obrigatoriamente?

Os nossos pais não eram de nos obrigar a trabalhar, só nos gabavam, gabavam-nos muito. Eu punha-me a remendar as calças deles (dos irmãos), e às vezes ficava pouco bem, mas a minha mãe dizia sempre, *olha está muito bem! Muito bem!* O meu pai e a

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

minha mãe diziam sempre que estava tudo muito bem que era para nós fazermos sempre mais. E tinham muita confiança em nós. Lembro-me (Dores) que tínhamos um buraco na parede onde os meus pais deixavam dinheiro, sempre que saiam, para nos proteger caso lhes acontecesse alguma coisa, e eu guardava o segredo que eles me pediam, não se diz, não se diz mesmo. Preocupavam-se muito connosco.

9. E hoje, os pais também têm esta disponibilidade para os filhos como tinham os vossos. É fácil educar?

Hoje é muito difícil. É diferente a maneira como se chama e chamavam atenção. Antigamente ainda davam umas sapatadinhas se fizéssemos asneiras, passamos de oito para oitenta. Temos todos dois filhos mas no meu caso (Dino) tenho a Célia e a Liliana, se as mandasse fazer qualquer coisa e não cumprissem, estavam sujeitas a levar. Na Célia bati duas vezes, mas não bateu só à Célia (Lurdes) também me bateu a mim, sem dó nem piedade (risos). Foi no dia em que a minha madrinha teve o bebé, mandou-me ir buscar laranjas, mas levar laranjas para uma mulher que vinha acabada de ter uma criança?... Se ainda lhe desse bombons... Não trouxe as laranjas e ele deu-me uma tarefa... e sempre que eu contava a minha mãe ela dizia “olha que eu te digo, se eu estivesse lá”... Não ficou contente de eu levar assim tanta porrada. Mas que ideia levar laranjas a uma mulher que acabou de ter um bebé... Os pais não batiam mas o Dino...

10. Hoje a forma de educar mudou e dar umas palmadas já não é tolerado. Como explicam isso?

Acho mal, porque antes as pessoas eram mais educadas e mais civilizadas. Agora os filhos não tratam bem os pais e os pais não tratam bem os filhos, porque deixaram-se ir pela água abaixo e não deram a educação devida aos filhos. Mesmo na escola os professores não podem repreender as crianças, antigamente, era diferente, não quer dizer que não houvesse quem exagerasse, mas punham as crianças na linha. Hoje os miúdos tratam mal os professores, é um problema, que não entra na minha geração.

Os nossos filhos ainda foram educados à nossa maneira, eu dizia sempre aos meus (Lurdes), “se tratares mal as senhoras de serviço ou os professores chegas a casa e vais ver o que te acontece”. Eles foram educados assim, agora estes que estão a nascer, os nossos netos, já é diferente. Hoje, se a professora castiga uma criança, que foi mal-educada, ela chega a casa diz aos pais e eles ainda vão reclamar com a professora. Como se os filhos fossem intocáveis e pudessem dizer/fazer o que bem entendem. No meu tempo (Emília) eramos 40 na sala e era mais fácil educar esses 40 do que agora 5. Eu levava todos os dias, dava muitos erros, três faltas era um erro, e já levava uma palmada. Eu estudava as palavras mais difíceis, mas para fazer aquela bem já deixava outras para trás. Quando a professora ía corrigir, eu esperava sentada entre o mato, porque na escola só havia mato (risos) e quando ela pegava no meu caderno e começava a riscar, pronto! Sabia que ía levar quando entrasse para dentro da sala. Mas não era a professora a dar os “bolos” punha duas das que não dessem erros, sempre as mesmas,

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

um dia uma delas teve um erro, e foi a companheira que lhe foi dar os bolos e deu-lhe devagar, então a professora disse-lhe, - tu não sabes, foi lá deu-lhe com força.

Um dia a professora disse-me, como eu errava todos os dias, que o melhor era eu fazer o exame no próximo ano, mas eu disse-lhe: - mas ó senhora professora o meu pai prometeu-me um cordão eu tenho que fazer o exame! (risos). Tinha que o fazer. O meu pai perguntava-me: Vais ganhar o cordão? E eu respondia: Vou meu pai! - E ganhei, passei no exame.

11. E quando acontece alguma coisa menos boa vocês mantêm-se unidos?

Sim, somos muito preocupados uns com os outros. Ligamos, ajudamos. Eu fui operada e o meu irmão ía lá fazer os meus trabalhos (Emília). Estamos sempre prontos para nos ajudarmos uns aos outros. E sempre estaremos.

[Emilia](#) | [Rosa](#) | [Delmira](#) | [Bernardino](#) | [Aventino](#) | [Maria das Dores](#) | [Salvador](#) | [Lurdes](#)

Durante 40 minutos, os filhos do Sr. Timóteo, um senhor incapaz de guardar um segredo, pela bondade e generosidade com que olhava para as outras pessoas, contaram-nos momentos únicos que fazem parte das suas memórias e das suas vivências. A conversa, absolutamente informal, mostrou que a grande característica desta família sempre foi a união e o sentido de pertença, valores muito vinculados que passaram de geração em geração. Cada irmão com as suas características próprias mas todos muito iguais.

A culminar a entrevista foram atribuídas características próprias a cada irmão, as mais marcantes, as mais evidentes!

- ✚ Lurdes – Desenrascada e feliz
- ✚ Salvador – Muito bonito
- ✚ Maria das Dores – Muito bem arranjada, exemplar
- ✚ Aventino – Igualzinho ao pai
- ✚ Bernardino – O mais ágil e habilidoso
- ✚ Delmira – Bondosa, uma mulher de fé
- ✚ Rosa – Postura exemplar, muito amiga
- ✚ Emilia – A mana mais velha, uma lutadora, corajosa

Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Celorico de Basto

Todos muito amigos, irmãos espetaculares, que se cuidam sempre mutuamente!

Receberam como principal legado, o sentido de família!



Entrevista com os irmão Lima, a 17 de abril de 2017, em Canedo de Basto